

## **A AIDS na capa de O Globo e da Folha de São Paulo do ano de 2001<sup>i</sup>**

Ana Cláudia Condeixa de Araujo<sup>ii</sup>

### **Resumo**

Este trabalho buscar refletir como a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS), considerada a maior epidemia do século XX, foi tratada pelo O Globo e pela Folha de São Paulo nas matérias de capa publicadas no Dia Mundial da Luta Contra a AIDS, 1 de dezembro, no ano de 2001, quando simultaneamente os dois veículos noticiaram em suas primeiras páginas matérias sobre a epidemia. Os jornais, considerados por muitos, fonte segura de informação e muitas vezes, a única referência sobre o assunto para a população, também funcionaram como interface para que o governo, os profissionais da saúde, os pesquisadores e os movimentos sociais pudessem fazer chegar notícias até os brasileiros.

**Palavras-chave:** AIDS; imprensa; sequência discursiva

## **AIDS on the cover of O Globo and Folha de São Paulo of the year 2001**

### **Abstract**

This study seeks to reflect how Acquired Immunodeficiency Syndrome (AIDS), considered the greatest epidemic of the 20th century, was treated by O Globo and Folha de S. Paulo in the cover stories published on World AIDS Day, December 2001, when both vehicles simultaneously reported on the first few pages about the epidemic. Newspapers, considered by many as a reliable source of information and often the only reference on the subject to the population, also served as an interface for government, health professionals, researchers and social movements to The Brazilians.

**Key words:** AIDS; press; discursive sequence

## Introdução

Considerada a maior epidemia do século XX, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) surgiu nos anos 1980 e não só colocou em evidência as relações sexuais, como também provocou mudanças nos mais diferentes níveis e em toda a extensão do planeta. Diferentemente de algumas outras epidemias, a AIDS trouxe mais do que dor e morte, pois impôs transformações no sistema público de saúde, no controle de qualidade dos bancos de sangue, na responsabilidade dos governos quanto à gratuidade de tratamento e de medicamentos e, ainda, provocou uma disputa acirrada com a bilionária indústria farmacêutica pela quebra de patentes de remédios que garantiriam sobrevivência aos doentes. As questões levantadas não ficaram restritas ao campo da medicina e da ciência e invadiram os lares, em suas mais distintas composições e gerações, para que discutissem a homossexualidade, a bissexualidade, a monogamia e o uso de drogas. Outro papel importante protagonizado pela epidemia, sem sombra de dúvida, foi impulsionar o movimento pelos direitos dos homossexuais, fazendo com que ganhasse forma, corpo, identidade e respeito. Desde que passou a atingir a todas as pessoas sexualmente ativas, independentemente de sexo, idade, orientação sexual, origem, classe social, raça, etnia e cor de pele, a AIDS ultrapassou os veículos de comunicação e ganhou a mídia em geral.

O Brasil fechou a década de 1980 contabilizando 6.295 casos diagnosticados e abriu os anos 1990 com quase o dobro, 11.805<sup>iii</sup>. Em 1991, o mundo atingiu 10 milhões de pessoas infectadas pelo HIV. O governo brasileiro, a comunidade médica e a sociedade viveram, nos anos 1980 e 1990, os primeiros 20 anos da epidemia da AIDS, momentos de conquistas e perdas, que vão da morte de artistas e celebridades ao início do uso dos “coquetéis”. O Brasil chega ao século XXI com o seguinte perfil: 258 mil contaminados; o aumento da incidência da contaminação em mulheres, chegando a ser uma mulher para cada dois homens; a redução em 50% nas mortes em decorrência do HIV; o acordo feito por cinco grandes representantes da indústria farmacêutica para reduzir o preço dos remédios; a ameaça da quebra de

patente por parte do governo brasileiro. O Brasil, entre 2010 e 2015, passou de 700 mil para 830 mil doentes de AIDS, com 15 mil mortes por ano. Sozinha, a nação brasileira conta com mais de 40% das novas infecções por HIV da América Latina. Mesmo que saibamos que há indivíduos mais vulneráveis que outros, não se trata de uma doença restrita às populações economicamente excluídas, uma vez que atinge todo tipo de pessoa, homens e mulheres, homossexuais, bissexuais, transexuais e heterossexuais, ricos e pobres, e em todos os lugares do planeta. Todos os dias e horas, pessoas acessam informações que julgam credíveis nos órgãos da imprensa.

Pela necessidade urgente de levar as descobertas, os avanços e os desafios enfrentados pela comunidade médica à população, a AIDS conquistou espaço na imprensa. Os meios de comunicação se tornaram, então, palco das notícias e, da mesma forma, serviram de praça, uma espécie de *Ágora*, onde se discutiram ética, preconceito e solidariedade, retirando dos médicos e dos cientistas a exclusividade sobre a doença e dando aos veículos de comunicação – jornais, rádios, televisão e internet – o direito de amplificar as informações e as impressões de seus profissionais a partir de suas fontes: médicos, cientistas, soropositivos, aqueles que se tornaram doentes, seus familiares, os movimentos sociais e a população em geral. Os meios de comunicação são parte essencial na construção da realidade que acreditamos e da memória que carregamos.

O objetivo da tese, texto de onde foi retirado este artigo, foi investigar a forma como a imprensa tratou a epidemia em matérias publicadas em 1 de dezembro, data em que se “comemora” o Dia Mundial da Luta Contra AIDS<sup>iv</sup>, compreendendo tanto o conteúdo publicado quanto o silêncio, na busca de entender a relação da imprensa com as fontes, os dados epidemiológicos, as descobertas etc. Logo, bem mais do que descrever os mecanismos enunciativos tecidos pelo discurso jornalístico, o trabalho buscou denunciar os conflitos e o preconceito instaurados no embate de um jogo polifônico intenso. Quanto aos objetivos específicos, a pesquisa buscou: identificar que vozes falaram através da imprensa com o passar do tempo; verificar as relações de poder entre agentes e agências no discurso jornalístico; identificar os períodos de silenciamento e observar o quanto as falas discursivas e disputadas no âmbito

da imprensa geraram identidades e processos de inclusão e de exclusão social.

A escolha dos veículos se deu em virtude das semelhanças entre eles, pois tanto a Folha de São Paulo quanto O Globo tem distribuição nacional. Os dois veículos vendem por volta de 300 mil unidades por semana e no domingo, ambos vendem num só dia, mais exemplares do que os vendidos de segunda a sábado. Incluindo as assinaturas, em média são distribuídos cerca de 1 milhão de exemplares semanais. Quanto ao perfil dos leitores também há similaridades: mais da metade são homens; a maioria tem nível superior; predominam as classes A e B e em média, 66% encontram-se entre 25 a 64 anos; 87% tem interesse em atualidades; 62% se interessa por finanças e orçamento familiar; 49% tem interesse em política internacional e 57% em política nacional; 51% tem interesse em psicologia/comportamento; 74% costuma fazer compras no Shopping Centers; 74% pretendem viajar nos próximos 12 meses; 85% tem acesso à Internet; 79% tem casa própria e 38% tem TV de plasma, LCD, LED, 3D<sup>v</sup>. Ambos os veículos, contam com assinaturas digitais, mas os dados não são divulgados.

Como resultado da primeira fase da pesquisa, chegou-se a 289 matérias publicadas, entre manchetes de primeira página, editoriais, matérias, artigos, reportagens e entrevistas relativas ao Dia Mundial da Luta Contra a AIDS, direta ou indiretamente. Diante do montante reunido, a pesquisadora optou por trabalhar apenas com as capas - seis de O Globo e 11 da Folha de São Paulo – considerando que a primeira página de um jornal é a vitrine, a cara com que o veículo se apresenta aos leitores, ou seja, tudo que se julga ter valor de notícia está presente nas capas dos jornais. Por fim, a tese se desenvolveu a partir das capas e das matérias do interior dos jornais, relacionadas às chamadas de capa dos anos de 1992, 1996 e 2001, quando coincidentemente ambos os veículos publicaram matérias sobre a temática. Para fins deste artigo, optou-se por um recorte da tese, dando-se destaque as capa de 2001, ano em que tanto um periódico quanto o outro divulgou a mesma notícia em sua Primeira Página e que é objeto de análise do estudo a seguir apresentando.

### **Compreendendo teoricamente as matérias jornalísticas**

O tratamento teórico dado ao *corpus* pelo viés da escola francesa de Análise de Discurso Francesa(AD) permitiu a compreensão do material e tornou viável a “leitura” e a análise dos efeitos de sentido, dos silêncios e das sequências discursivas. A Análise do Discurso Francesa procura compreender a relação estabelecida pelo sujeito com a história e com a língua, definindo discurso como resultado de um processo de construção simbólica, em que os sentidos são construídos, emergem e inscrevem-se a partir da relação que é estabelecida com os sentidos já postos em funcionamento e sempre retomados por sujeitos, num constante movimento em (dis)curso, a cada situação de enunciação.

“Todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas, de todo modo, atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço.” PÊCHEUX(1990: 96)

Dessa forma, os sentidos são produzidos pelos sujeitos, amparados pela memória discursiva, que é o que permite a sustentação ou a quebra/ruptura do que está instituído, e pela ideologia, orientadora de tal processo, naturalizando posições para o sujeito e fazendo suas palavras parecerem claras e evidentes, enfim, indicadoras de uma relação termo a termo com o mundo.

Segundo Orlandi, em Análise de Discurso, parte-se de uma escuta, aliada a um exercício de interpretação e compreensão: o de interpretar um contexto imediato e o de compreender a opacidade da linguagem, a historicidade dos sentidos, a constituição do sujeito atravessado pela ideologia e pelo inconsciente. São dois movimentos: interpretar e compreender os funcionamentos. Compreender é a explicitação do modo como o discurso produz sentidos e interpretar não é atribuir sentidos, mas expor-se à opacidade do texto; ou seja, é explicitar como um objeto simbólico produz sentidos, sabendo que o sentido pode ser sempre outro.

Para que seja possível analisar discursos, há procedimentos como paráfrase, polissemia e efeito metafórico. Os conceitos de paráfrase e polissemia, ao lado de um outro – o de efeito metafórico –, são de grande valia ao analista de discurso, pois por essa vertente teórica são os que vão favorecer o trabalho de compreensão e de análise dos processos discursivos básicos à produção de sentido. Paráfrase e polissemia se definem em termos discursivos como a possibilidade de fronteira entre o mesmo e o diferente. Pelo movimento parafrásico, é possível discernir que em todo dizer há algo que se mantém – o dizível, a memória. Tem-se aí um processo de estabilização dos sentidos, quando são produzidas diferentes formulações em torno de um dizer sedimentado. Pelo movimento polissêmico, tem-se o deslocamento, a ruptura em processos contínuos de significação, quando se joga, então, com o equívoco. (ORLANDI, 1999).

A compreensão do próprio movimento parafrásico pode se efetivar com a observação dos chamados **efeitos metafóricos**. Por efeito metafórico, Pêcheux (1969) define o efeito semântico que se produz numa substituição contextual, isto é, por um deslizamento de sentido numa distância entre x e y, sendo esta constitutiva tanto do sentido produzido por x como por y. E é nesse jogo de deslizamentos que se instituem os movimentos de interpretação (mais ou menos parafrásicos ou polissêmicos), dando lugar à produção do sentido. A metáfora para a AD não se coloca nem como comparação, nem como desvio, mas como transferência. Uma transferência que se dá num processo contínuo de deslizamentos de sentido (base dos efeitos metafóricos), através dos quais é possível se chegar tanto ao lugar da interpretação quanto ao lugar da historicidade. Por esse caminho é que também se chega à afirmativa de que não há sentido sem metáfora e de que as palavras não significam por si só. Para Pêcheux (1975), o sentido se delinea sempre na relação que uma palavra, uma expressão, etc. têm na relação com outra palavra, outra expressão, etc. Daí afirmar que "as palavras falam com outras palavras" (ORLANDI, 1999a) e se ter a constatação de que todo discurso vai estar configurado em relação a uma gama de dizeres que ocupam a memória.

### Procedimentos Analíticos

O ponto de partida da análise dos discursos recai sobre a discursividade, entendida como um conjunto de mecanismos, de uma série de textos, verbais ou não verbais, que em sua complexidade e diversidade trazem à tona um *corpus* que será analisado. Assim quando analisamos, por exemplo, a discursividade no cinema, isso engloba narrativa, diegese, técnica, interpretação dos atores e tudo mais que tenha a ver com esse cinema e sua forma de representação. Em resumo, como nos diz Pêcheux, "a discursividade como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história".

### Operador discursivo

Um dos importantes mecanismos da análise se define como operador discursivo, embutido como um recorte dentro de outro recorte (uma cena, por exemplo), algo que nos chama a atenção pelo fato de, no âmbito da interpretação, ser um mediador da atribuição de sentido como um paradigma.

### Recorte x segmento

Diferente de outras metodologias de análise, a AD secciona o *corpus* a ser trabalhado por recortes, ou sequências discursivas, destacando, assim, a noção de segmento. Enquanto o segmento é uma unidade de análise previsto *a priori*, como, por exemplo, um sintagma, um parágrafo etc., o recorte se define como fragmento de discurso. Ou "Uma unidade discursiva" (ORLANDI, 1984), aí correlacionando a linguagem e as condições de produção. Dentro do(s) recorte(s), instituto(s) operadore(s) discursivo(s).

Com relação à noção de Sequência Discursiva (SD), esta pode ser sequências oral ou escrita de dimensão superior à frase. É preciso aqui indicar que a própria natureza e a forma dos materiais recolhidos são eminentemente variáveis e que a noção de SD é uma noção vaga. Depende, na verdade, dos objetivos conferidos a um tratamento particular [...]; os procedimentos de segmentação, que acabam por atribuir uma forma determinada a uma

sequência. (COURTINE, 1981).

### A FOLHA DE SÃO PAULO - Colcha de retalhos

A Folha, no ano de 2001, apresentou sua terceira manchete alta num período de 15 anos, sem título, usou a foto como a grande chamada. A foto ocupava três colunas(13 X 13 cm) com a seguinte legenda: “SOLIDARIEDADE: Colcha de retalhos é estendida no Anhangabaú (SP) em um ato para lembrar os 150 mil mortos pela AIDS no Brasil; hoje é dia internacional de combate à doença, cuja incidência caiu no país” .

SD 01 – fotografia



SOLIDARIEDADE: Colcha de retalhos é estendida no Anhangabaú (SP) em um ato para lembrar os 150 mil mortos pela Aids no Brasil; hoje é dia internacional de combate à doença, cuja incidência caiu no país. Pág. C1

A foto mostra diferentes pessoas, umas ajoelhadas, outras em pé, montando um tapete na rua para lembrar os mortos pela AIDS. A imagem remete a uma ideia de trabalho conjunto. Trata-se de uma sequência discursiva não verbal, uma vez que a imagem propõe uma ideia de solidariedade, que é reforçada pela legenda.

SD 02

**“SOLIDARIEDADE: Colcha de retalhos é estendida no Anhangabaú (SP)”**

Como argumento para esta sequência discursiva(SD02), o autor relaciona solidariedade à colcha de retalhos, trabalhando a ideia de fazer junto.

SD 03

**“em um ato para lembrar os 150 mil mortos pela AIDS no Brasil”**

A SD03 comunica ao leitor a ideia de que a união faz a força e, neste caso, reúne pessoas em torno de uma imensa colcha de retalhos para lembrar aqueles que não podem estar nesta comemoração. Juntar retalhos também pode significar população despedaçada

SD 04

**“hoje é dia internacional de combate à doença, cuja incidência caiu no país”**

O veículo propõe novamente a existência de duas forças quando a foto mostra imensa colcha de retalhos para lembrar os 150 mil mortos pela AIDS no país e na legenda menciona a taxa de incidência, que está caindo. É uma chamada temática porque tem a Aids como carro-chefe, mas vai buscar, numa foto colorida e em uma colcha de retalhos que mostra pessoas trabalhando em conjunto, o sentido de solidariedade. Deixando para o final a informação de que os índices estão caindo, entretanto, são registrados 32.029 casos para um total de óbitos de 10.948 entre 7.517 homens para 3.428 mulheres. Fala-se de solidariedade aos mortos, da queda do número de infectados, mas na chamada não há nada que remeta à ideia de que, pela primeira vez, 1/3 dos casos notificados é de mulheres.

**O Globo - AIDS: Menos casos**

A chamada “**AIDS: Menos casos**” (caixa-alta e negrito O Globo) ocupa o espaço de duas colunas, dentro de fios(box), com foto, localizado ao fim da página, à direita( anexo 2). Ao lado da charge que mostra George Harrison em Abbey Road, tem-se uma menção ao falecimento do ex-Beatle, vítima de câncer. A informação da notícia da morte de Harrison disputa o espaço e o interesse do leitor, ainda que não seja suficiente para causar um apagamento, mas, disputa a atenção do leitor.

## SD 05



A foto mostra a imagem de um menino quase fora do quadro e de uma mulher sozinha, com a mão estendida, andando sobre o que o jornal denomina “tapete de panos”. A imagem não tem uma só leitura, tanto pode indicar solidão, por estar a mulher caminhando sozinha, quanto sua mão estendida pode transmitir a ideia de um convite para que outras pessoas façam parte do ato em solidariedade às vítimas da aids. Para compreender, é preciso lançar mão do conceito de “opacidade” em contraponto à esperada “transparência”, ou ainda para compreender o discurso do jornal a partir da foto. O que observamos é que

“Ao se pensar a imagem através do verbal, acaba-se por descrever, falar da imagem, dando lugar a um trabalho de segmentação da imagem em unidades discretas. A palavra fala da imagem, a descreve e traduz, mas jamais revela a sua matéria visual. Por isso mesmo, uma “imagem não vale mil palavras, ou outro número qualquer”. A palavra não pode ser a moeda de troca das imagens. É a visibilidade que permite a existência, a forma material da imagem e não a sua co-relação com o verbal. A não co-relação com o verbal, porém, não descarta o fato de que a imagem pode ser lida”. (SOUZA, 1998).

O fato é que, na mídia impressa, assim como na mídia televisiva, a construção que compõe a chamada da notícia, a foto, que por sua vez é

escolhida a partir da leitura de um profissional, e a legenda, na maior parte das vezes, está em dissensão com o que se quer noticiar. A foto fala de “Manifestante anda sobre tapete de panos no Dia de Combate à AIDS. O crescimento da doença no país caiu 13,8%”, mas a foto só remete à imagem da mulher caminhando sobre o tapete, não há qualquer referência à queda do percentual de crescimento da doença.

Nesse caso, é a legenda que produz um processo de paráfrase (Souza, 1998), ela é quem determina a interpretação da imagem. A complexidade de um conjunto de imagens dentro da própria imagem se reduz a um processo de interpretação uniforme, e um sentido (que se quer) literal se impõe. Assim, a imagem torna-se um complemento, um acessório, destituída de seu caráter de texto, de linguagem, uma vez que, ao ser traduzida através de sua verbalização, apaga-se como elemento que pode se tornar visível. É o verbal se sobrepondo ao não verbal. Por mais que uma imagem valha mais do que mil palavras, o leitor não tem uma leitura partida, ele lê um conjunto: título, fotografia, legenda e *lead*.

Lead

**“Manifestante anda sobre tapete de panos no Dia de Combate à Aids, em São Paulo. O ritmo de crescimento da doença no país caiu 13,8%”.**

SD06

**“Manifestante anda sobre tapete de panos no Dia de Combate à Aids em São Paulo.”**

A chamada é, sem sombra de dúvida, temática. O que, de fato, a SD06 “manifestante andando sobre tapete de panos” significa? A frase é esvaziada de sentido, pois não informa nada. Já as palavras “tapete de panos” podem nos remeter à ideia de mortalha<sup>vi</sup>.

SD7

**“O ritmo de crescimento da doença no país caiu 13,8%”.**

A SD7 aponta a queda no crescimento, propõe-se a informar e assim o faz. No entanto, é impossível destacar a SD quando ela faz parte de um todo em que a fotografia é destaque. Isso sem contar que, quando a informação de que os índices estão caindo fica para o final da chamada, perde a força. Em duas décadas (1980 - 2001), o total de casos acumulados são de 220 mil. Em 2001, foram registrados 32.029 casos e um total de óbitos de 10.945, entre 7.517 homens para 3.428 mulheres, um total de 31%.

### **Considerações Finais**

No decorrer de 25 anos do Dia Mundial da Luta Contra a AIDS, foram publicadas 283 matérias, sendo 89 matérias no jornal O Globo, e 194 na FSP, incluindo as capas. Foram editoriais, matérias, artigos, reportagens e entrevistas relativos às “comemorações” à data – ou não –, mas que tinham alguma relação com o tema. A FSP deu mais atenção à epidemia, dedicando-lhe 11 capas, ao passo que o jornal O Globo deu destaque ao tema em seis capas. Das 15 capas que foram analisadas na nossa tese, somente os anos de 1992, 1996 e 2001, tanto a Folha quanto O Globo, concomitantemente abordaram o tema em suas primeiras páginas. Em destaque, no ano de 2001, os veículos não só fizeram chamadas em suas capas, como também, noticiaram o mesmo evento, uma ação promovida no Vale do Anhangabaú, na cidade de São Paulo, para marcar a data e noticiar a diminuição do número de contaminados.

Ao comparar as capas, percebe-se que a FSP deu mais destaque dentro da página, usando a foto como manchete alta, embora não tenha feito um título destacado. A foto, como já foi dito antes, ocupou três colunas (13 X 13 cm) e a imagem remeteu a uma idealização de trabalho conjunto. Tratando-se de uma sequência discursiva não verbal, a imagem propõe uma ideia de solidariedade, que é reforçada pela legenda. Tanto a imagem retratada na foto, quanto o texto da legenda remetem a trabalho conjunto, a força da união de pessoas. A imensa colcha de retalhos preenchida de cores e mostrando indivíduos trabalhando conjuntamente, trabalha com duas forças, a ausência daqueles 150 mil mortos pela AIDS no país e assim como, a taxa de incidência que naquele momento apresentava queda.

Já em O Globo, a proposta da foto é bastante diferente, ocupa o espaço de duas colunas, dentro de fios(box), localizado ao fim da página. A imagem é esvaziada, apesar de dois personagens, a expressão “tapete de panos”, nos remete a mortalha em contraponto à colcha de retalhos, que traz cor, personalidade, comemoração. Ainda que a mulher esteja caminhando com sua mão estendida que poderia trata-se de um convite para que outras pessoas façam parte do ato em solidariedade às vítimas da AIDS. A legenda fala de “manifestante” e novamente nos traz a ideia de solidão, de um indivíduo lutando sozinho, apensar de noticiar a queda do número de novos infectados.

Apesar um aparente maior interesse da Folha de São Paulo, as notícias da queda dos índices, a diminuição de contaminados e a relevância da data, nos faz concluir que tanto um veículo quanto o outro, apenas faz o seu papel de provedor de notícias. Ao analisar as duas chamadas, percebe-se falta de foco, como se ambas estivessem cumprindo apenas o papel da imprensa de noticiar dados neste dia, mas já sem muita preocupação com a precisão dos dados e a busca de personagens que encorpassem mais e melhor a notícia.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Ana Cláudia C. **A AIDS e a Imprensa: As vozes e os silêncios nas reportagens do Dia Mundial da Luta Contra Aids de 1988 a 2013**. Tese defendida pela autora em 16 de setembro de 2016.
- COURTINE, Jean. **Analyse du discours, années zéro: quelques réflexions rétrospectives**. Revista “Policromias – Estudos do Discurso, Imagem e Som”. UFRJ, 20016.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Ed. Pontes, 1999
- \_\_\_\_\_. **As formas do silêncio – No movimento dos sentidos**. Campinas. Ed. UNICAMP, 2007
- PECHÊUX, M. **Semântica e discurso. Uma crítica da afirmação do óbvio**. Campinas, Unicamp, 1997
- \_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução. Eni Orlandi. 6ª edição Pontes. 1990
- SOUZA, T. C. C. **A análise do não-verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação**. Rua (UNICAMP), Campinas, SP, v. 7, p. 65-94, 2001.



Anexo 2

O CALENDÁRIO PARA O PAGAMENTO DO IPVA DE 2002 • PÁGINA 18

# O GLOBO

Fundador: IRINEU MARINHO RIO DE JANEIRO, SÁBADO, 1 DE DEZEMBRO DE 2001 • ANO LXXVII • Nº 24.949 • WWW.OGLOBO.COM.BR Presidente: ROBERTO MARINHO

## A alma dos Beatles

Câncer mata George Harrison, o mais místico dos 'Fab Four'



HOMENAGEM A GEORGE HARRISON deixada pelos fãs, no Central Park, em NY

• O sonho já tinha acabado há muitos anos. Mas a mística dos Beatles, que resistiu à perda da genialidade de John Lennon, mostrou ontem, após a morte de George Harrison, que ainda reina no mundo da música. Contido, espiritual e religioso, Harrison, de 58 anos, era, por isso, definido como a alma do conjunto. Autor de canções eternas como "Here comes the sun" e "Something", guitarrista da banda mais famosa de todos os tempos, Harrison morreu e foi enterrado antecorrem, em Los Angeles. Desde 1998, ele enfrentava uma dura batalha contra o câncer, primeiro

na laringe e depois no pulmão e no cérebro. Após inúmeras sessões de tratamento, ele não resistiu e morreu, tendo ao lado a mulher, Olivia, e o filho Dhani, de 24 anos. Em Liverpool, cidade natal dos Beatles, o clima era de consternação nas ruas. O parceiro Paul McCartney chamou-o de "irmão caçula", enquanto o "quinto beatle", George Martin, destacou suas qualidades de músico e compositor: "Estou devastado e muito, muito triste", disse McCartney, de olhos marejados ao lembrar dos momentos que passara com Harrison nos anos 60. Páginas 30 a 32



## Lista mostra que governo venceu votação anulada da CLT

Votos a favor de mudanças nas leis trabalhistas chegaram a 255

• A lista da votação do projeto que permite aos sindicatos fazer acordos que se sobreponham à Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) mostra vitória do governo na votação de quarta-feira. Foram 255 votos a favor e 206 contra. O resultado não valeu, devido a uma falha no painel eletrônico da Câmara. O projeto deve ir a nova votação na terça-feira. O governo vai investir sobre 50 deputados que se ausentaram da sessão. Com a lista, ficou claro que a pressão do presidente Fernando Henrique funcionou: dividiu o PTB, o PL e o PMDB. Páginas 3 a 5

## Blitz fecha casas noturnas do Rio por falta de segurança

• A prefeitura do Rio interditou por falta de segurança contra incêndios cinco casas de shows: Nuts, na Barra; By Marius e Ana Branco, no Centro; e Bar Bacarral e Calé do Beco, em Copacabana. Nenhuma delas tem o certificado atualizado do Corpo de Bombeiros. • Coordenador de Policiamento de Belo Horizonte, Flávio Batista é acusado de ser o chefe da segurança do Caneção Mineiro, que pegou fogo. Páginas 11 e 13

## Copa: Brasil conhece hoje três primeiros adversários

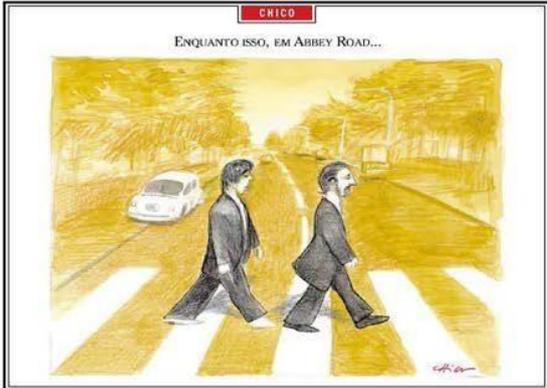
• O pontapé inicial para a Copa de 2002 será dado hoje. As 8h de Brasília, será realizado o sorteio dos grupos e a seleção brasileira conhecerá os seus três primeiros adversários no Mundial. O técnico Felipão estará presente ao sorteio, na cidade sul-coreana de Busan, que escolherá ainda os locais dos jogos. O Brasil deve ter em sua chave dois europeus e um africano. Páginas 38 a 40

Nesta edição, tabela para acompanhar o sorteio da Copa



## AIDS: Menos casos

• Manifestante anda sobre tapete de parios no Dia de Combate à Aids, em São Paulo. O ritmo do crescimento da doença no país caiu 13,8%. Página 11



1ª edição Preço de venda: R\$ 1,70 Contém: 100 páginas, 116 páginas

SEGUNDO CADERNO • Gordinhos, peludos e gays, Ursos do Rio vão contra a ditadura das barbas.

ELA • Poemas de Stela do Patrônio ressaltam o valor histórico de escritos do hospício.

PROSA & VERSO • Hollywood comemora o centenário de Walt Disney, criador do Mickey Mouse.

<sup>i</sup> Texto retirado da tese defendida pela autora em 15 de setembro de 2016, sob o título A AIDS e a Imprensa: as vozes e os silêncios nas reportagens do Dia Mundial da Luta Contra Aids de 1988 a 2013.

<sup>ii</sup> Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde do ICICT/Fiocruz, coordenadora dos cursos de Jornalismo e de Comunicação Social-Publicidade e Propaganda da Universidade do Grande Rio José de Souza Herdy-Unigranrio - email: ana.araujo@unigranrio.edu.br.

<sup>iii</sup> Boletim Epidemiológico, 2015 <http://www.aids.gov.br/publicacao/2015/boletim-epidemiologico-aids-e-dst-2015>, download feito em 1 de dezembro de 2015.

<sup>iv</sup> Transformar o 1º de dezembro em Dia Mundial de Luta Contra a Aids foi uma decisão da Assembleia Mundial de Saúde, em outubro de 1987, com apoio da Organização das Nações Unidas – ONU. A data serve para reforçar a solidariedade, a tolerância, a compaixão e a compreensão com as pessoas infectadas pelo HIV/AIDS. A escolha dessa data seguiu critérios próprios das Nações Unidas. No Brasil, a data passou a ser adotada, a partir de 1988, por uma portaria assinada pelo Ministério da Saúde.

<sup>v</sup> Fontes: Ipsos Marplan- Estudos EGM - 1º Trimestre de 2015.

<sup>vi</sup> pano ou vestimenta com que se envolve o cadáver de pessoa que será sepultada.